

Coluna Presidencial

A um ano da eleição, desafio dos grandes partidos é Lula

RICARDO AMARAL

BRASÍLIA — Exatamente um ano antes das eleições presidenciais de 3 de outubro de 1994, os grandes partidos procuram um candidato para enfrentar Luís Inácio Lula da Silva, do PT, no segundo turno de 15 de novembro. Instalado no patamar dos 30% de intenções de voto, pela pesquisa do Ibope divulgada quarta-feira, o petista consolidou sua posição e só poderia perdê-la por um grave acidente de percurso, de acordo com um analista do instituto ouvido pelo GLOBO. A análise é compartilhada por líderes do Congresso e, reservadamente, até pelos possíveis concorrentes de Lula.

Os dois políticos que mais se aproximam do petista — o senador José Sarney (PMDB) e o prefeito Paulo Maluf (PPR), ambos na casa dos 14% — enfrentam problemas para lançar suas candidaturas. Sarney não controla a convenção do PMDB e tem três concorrentes no partido: o ex-governador Orestes Quércia, o governador Luiz Antônio Fleury e o ministro Antônio Britto. Paulo Maluf considera um risco lançar-se sem acertar antes uma aliança com o PFL. O PDT, com ou sem qualquer aliança, lançará o governador Leonel Brizola.

— Esse quebra-cabeças só estará desenhado completamente em março, próximo do fim do prazo de desincompatibilizações e convenções partidárias — afirma o governador Antônio Carlos Magalhães, uma reserva do PFL caso o partido decida lançar candidato próprio.

O Governo Itamar Franco

aposta nessa disputa paralela para emplacar seu próprio candidato no segundo turno. Na avaliação de um ministro muito próximo a Itamar, Lula está garantido no segundo turno mas perderá a eleição final, qualquer que seja seu adversário. Em todas as simulações já feitas pelo Ibope, porém, o candidato do PT seria vencedor.

— Mas essa projeção não é definitiva. O segundo turno é uma outra eleição, nada tem a ver com as posições de largada, ainda mais um ano antes — diz o analista do Ibope.

O candidato de Itamar, hoje, é o ministro Fernando Henrique Cardoso. Dentro do PSDB, nenhum político considera outra possibilidade que não seja a de lançar o ministro. A proposta de encerrar a revisão constitucional em 31 de dezembro, apresentada pelo líder José Serra, faz parte dessa estratégia. Permitiria ao ministro entrar o ano com uma nova legislação tributária capaz de melhorar o desempenho da economia. Uma aliança com o PT já está descartada pelos tucanos.

— A oportunidade para um acordo com Lula já passou — diz o senador Mário Covas.

Com ou sem reforma tributária em vigor, Fernando Henrique é um candidato que pode crescer no pelotão anti-Lula, assim como o ministro Antônio Britto, seu vizinho no patamar dos 8% de intenções de voto, segundo o analista do Ibope. Uma aliança entre os dois ministros, levando pelo menos parte do PMDB, seria ideal para o Governo e poderia criar um fato novo na disputa.